

ALINE DA SILVA PRESOTO

**UMBANDA: da repressão à busca pela aceitação**

CELACC/ECA – USP

2014

ALINE DA SILVA PRESOTO

**UMBANDA: da repressão à busca pela aceitação**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, da Universidade de São Paulo – USP, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Orientador: Prof. Silas Nogueira

**ALINE DA SILVA PRESOTO**

**UMBANDA: da repressão à busca pela aceitação**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, da Universidade de São Paulo – USP, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Orientador: Prof. Silas Nogueira

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Silas Nogueira

---

Prof.

---

Prof.

## **Agradecimentos**

Primeiramente ao meu orientador, Prof. Silas Nogueira não só pelas orientações mas também pelas nossas discussões sobre o tema, principalmente em relação ao Exu, divindade esta que até então eu pouco conhecia e ainda carregava certo preconceito oriundo da visão do senso comum.

Ao Seu Raul, pai de santo do Centro de Umbanda Caboclo Tupinambá, pela boa vontade em esclarecer minhas dúvidas quando a ele eu recorria e por manter seu centro de portas abertas para minha pesquisa.

Por fim, à minha família, que sempre me apoiou em meus estudos.

Eu abro a nossa gira  
com Deus e Nossa Senhora  
eu abro a nossa gira  
Sambolê pembá de Angola  
(Umbanda)

## **UMBANDA: DA REPRESSÃO Á BUSCA PELA ACEITAÇÃO**

Aline da Silva Presoto

### **Resumo**

A intenção deste artigo é mostrar como surgiu a Umbanda, única religião considerada nacional e que se deu através de uma rica diversidade cultural, contendo teores do Candomblé afro-brasileiro, do Kardecismo francês, indígenas nacionais e o sincretismo com a Igreja Católica. Além disso, busca-se esclarecer como a Umbanda se adaptou para ser aceita pela população brasileira no momento histórico-social em que surgiu e como é vista pela sociedade atual.

**Palavras-chave:** Diversidade cultural. Religião. Umbanda. Exu.

### **Resúmen**

La intención de este artículo es mostrar cómo surgió la religión Umbanda, que es la única considerada nacional y que fue através de una rica diversidad cultural, con contenidos de africano-brasileño Candomblé, del Kardecismo francés, Del indígenas nacionales y el sincretismo con la Iglesia Católica. Además se trató de aclarar cómo Umbanda adaptado para ser aceptado por la población brasileña en el momento socio-histórico, donde dio su apariencia y la forma en que es visto por la sociedad actual.

### **Abstract**

The aim of this article is to show how Umbanda—the only religion considered to be national in Brazil— was created, and that this process took place through a rich cultural diversity, comprising African-Brazilian Candomblé, French Kardecism, National Indigenous elements, and the syncretism with Catholicism. Moreover, it aims at clarifying how Umbanda was adapted to be accepted by the Brazilian population at that socio-historical moment and how it is viewed by society today.

**Keywords:** Cultural Diversity. Religion. Umbanda. Exu.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A UMBANDA INSERIDA NO PANORAMA CULTURAL – RELIGIOSO .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>CULTURA.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>ACULTURAÇÃO E SINCRETISMO RELIGIOSO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.3</b>	<b>RELIGIÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.4</b>	<b>UMBANDA .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>A UMBANDA COMO FRUTO DE UMA ACULTURAÇÃO DENTRO DO MOMENTO HISTÓRICO – SOCIAL EM QUE SE DEU SEU NASCIMENTO.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>DA REPRESSÃO POLICIAL À ACEITAÇÃO SOCIAL .....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>COMO A UMBANDA É VISTA POR ALGUNS DE SEUS ADEPTOS .....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>26</b>

## 1-INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta mostrar como se deu a fundação da Umbanda, religião criada no Brasil no início do século XX, época em que o país passava por um momento de transição sociocultural e em que uma sociedade urbano-industrial começava a ser instaurada. Fruto de uma hibridação entre elementos culturais diversos, como os dos indígenas nacionais, do Candomblé afro-brasileiro e do Kardecismo francês que acabava de chegar ao Brasil, a Umbanda buscava ser uma religião brasileira e que se orgulhava disso. Porém, para ser aceita por essa nova sociedade e se livrar da repressão policial severa, a Umbanda precisou de algumas adaptações que a tornariam mais ocidental e parecida com a cultura branca. Isto possibilitaria sua aceitação também pela classe média e não só pelas camadas mais populares e negras, que eram adeptas do Candomblé.

O presente artigo objetiva mostrar como a Umbanda, após ter passado por esse início hostil e, logo depois, ter encontrado na Igreja Católica uma inimiga significativa, que viu seu crescimento como uma ameaça, conseguiu permanecer no Brasil e crescer cada vez mais. Este estudo se deu pela busca de informações teóricas através de autores estudiosos do tema, principalmente Renato Ortiz (1999) em seu livro "A morte branca do feiticeiro negro".

Ademais, é mostrado também como a Umbanda é vista por seus adeptos, o que os levou a procura-la e permanecer nela, como se sentem vistos pela sociedade e que imagem percebem que o senso comum faz desta religião. Para isto, foi feito um estudo etnográfico durante três meses de frequência ao Centro Caboclo Tupinambá, que fica em um bairro de classe média da cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Dentro desse período, foi observado como os trabalhos aconteciam, como os médiuns e as entidades recebidas se portavam e o perfil dos adeptos. Foi realizada também uma entrevista semiestruturada com três adeptos frequentadores deste centro, sendo estes dois homens e uma mulher com idades entre trinta e quarenta anos. Eles foram entrevistados individualmente para que não houvesse interferência nas respostas de cada um e para que se sentissem à vontade, já que se trata de um assunto de cunho religioso e pessoal. Suas identidades foram preservadas, posto que todos disseram não se sentirem à vontade em assumir sua religião publicamente. Os nomes usados para se referir a eles são fictícios.

Espera-se que o presente artigo possa contribuir para mostrar como a Umbanda surgiu, como se deu a busca por sua aceitação e como é vista pela sociedade atual.

## **2- A UMBANDA INSERIDA NO PANORAMA CULTURAL - RELIGIOSO**

### **2.1- Cultura**

A palavra "cultura" foi usada inicialmente nos idiomas europeus e significava o cultivo de alguma coisa, mais especificamente na agricultura ou na pecuária.

Vinda do verbo latino colere, cultura era o cultivo e o cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra; donde, agricultura. Por extensão, era usada para referir-se ao cuidado com as crianças e sua educação, para o desenvolvimento de suas qualidades e faculdades naturais; donde, puericultura. O vocábulo estende-se, ainda, ao cuidado com os deuses; donde, culto.(CHAUÍ, 1986, p. 11)

Segundo John B. Thompson (2009), foi a partir do séc. XVI que seu sentido original foi estendido para o desenvolvimento do homem, ou seja, passou do cultivo de grãos para o cultivo da mente. Porém, foi no séc. XVIII, na França e Inglaterra, que este substantivo se tornou independente da primeira referência e, no século seguinte, já era utilizado como sinônimo de "civilização". Assim, este termo descrevia o processo de desenvolvimento humano rumo ao refinamento e à ordem, tornando o homem "culto" e "civilizado" com o enobrecimento das qualidades físicas e intelectuais através de trabalhos acadêmicos e artísticos, opondo-se desta maneira à barbárie e à selvageria. Vale ressaltar que, muitas vezes, no senso comum, esse termo carrega este significado ainda nos dias de hoje.

A mudança decisiva aconteceu no fim do séc. XIX, com a incorporação do conceito de cultura à nova disciplina emergente=antropologia. [...] O estudo de cultura estava agora menos ligado ao enobrecimento da mente e do espírito no coração da Europa e mais ligado à elucidação dos costumes, práticas e crenças de outras sociedades senão as europeias. (THOMPSON, 2009, p. 170)

Segundo Nogueira (2007), cultura:

envolve a questão humana, as relações sociais, a história e as possibilidades de expressão criadas historicamente por uma população para "caracterizar-se", para ser, mostrar-se, enfim, para viver, exteriorizar a vida na forma geral do trabalho de construir sua história nos inseparáveis campos do concreto e do imaginário. (NOGUEIRA, 2007)

Todavia, é válido ressaltar que cultura não se limita a manifestações artísticas e folclóricas de um povo, nem tão pouco ao que a cultura ocidental, predominantemente burguesa, costuma chamar de arte. Nem cabe fazer a definição do que é "cultura superior e inferior", "erudita e popular" e "artesanato e arte", posto que tal classificação acaba dando, simbolicamente, mais valor a um do que a outro, o que, normalmente, inferioriza aquilo que vem das classes subalternas. Cultura é a maneira com que o homem se relaciona com o seu real, levando em conta seus valores simbólicos e as diferenças destes valores de povo para povo, nação para nação, de acordo com o momento histórico-social em que se encontram. É dentro desta concepção de cultura que se buscará analisar a Umbanda, como parte da imensa riqueza cultural brasileira que se hibridou para forma-la, assim como também ela precisou se adaptar para se tornar atraente à nova sociedade cultural que se instaurava no Brasil.

## **2.2- Aculturação e sincretismo religioso**

A aculturação é o fenômeno que se dá através de contatos culturais diretos e contínuos entre grupos de culturas diferentes, o que acarreta numa mudança cultural em cada um dos grupos. Todavia, nos dias de hoje, com a possibilidade cada vez mais abrangente e simultânea de alcance dos meios de comunicação, esse fenômeno já se torna possível a necessidade do contato físico. Para entender esse processo, deve-se estudar a comunidade de origem, o contato cultural, a análise da aculturação, o papel do indivíduo no contato cultural, os resultados da aculturação e a comunidade atual. Isto significa estudar, a partir de um ponto zero, a comunidade de origem em direção à comunidade atual. Canclini diz entender hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2011, p. XXI)

Um exemplo de aculturação ou hibridação cultural é o sincretismo que se refere à combinação de práticas religiosas tradicionais, devido à intensificação de migrações que resultam na mistura de religiões. Isto vem se dando com muita frequência, assim como a intercontinental difusão de crenças e rituais do século passado, o que faz até aumentar a tolerância em relação a estes. Em países como Brasil, Haiti, Cuba e Estados Unidos, já tornou-se frequente a dupla ou até a tripla religiosidade, como, por exemplo, ser católico e participar de cultos afro-brasileiros ou cerimônias budistas. Também é possível falar em sincretismo religioso quando, mesmo pertencendo a uma religião diferente, busca-se ajuda para enfermidades com remédios indígenas, orientais, águas fluidificadas do Espiritismo ou, ainda, remédios homeopáticos receitados por médiuns.

O surgimento da Umbanda coincide justamente com a consolidação da sociedade urbano-industrial, ou seja, um momento de mudança cultural. Portanto, foi necessário, para este artigo, estudar como se deu a integração do mundo religioso afro-brasileiro com a moderna sociedade atual, que resultaram numa nova religião através da hibridação cultural.

### **2.3- Religião**

Durante o período chamado de Idade Média, eram raros os descrentes a Deus. Tão poucos eram eles, que não ser religioso era quase como ser considerado portador de uma doença contagiosa, a ponto de ter-se que viver escondido. Muitos dos que revelaram não ser religiosos foram queimados na fogueira, a fim de não contaminarem os inocentes. Porém, com o avanço da ciência, o universo começou a ser explicado de acordo com o ceticismo e o encanto se quebrou. Assim, uma pessoa sem religião não é mais considerada uma anomalia.

Contudo, a religião e os religiosos continuam e provavelmente sempre continuarão a existir. Quando para uma doença, nem a ciência nem a tecnologia oferecem solução e o desespero se acentua, sente-se muitas vezes a necessidade de recorrer a um curandeiro, benzedeiro, exorcista, médium, sacerdote, ou seja, aqueles que podem explicar o inexplicável e curar o que parece não ter remédio. Acima de tudo, procura-se neles a explicação para o sentido da vida, o que faz com que ausência de atos lamentáveis e de lugares sagrados não resultem na descrença da religião.

Para Rubem Alves (1986), a religião está diretamente relacionada à cultura, sendo que esta faz o homem se diferenciar dos animais.

Aqui está uma criança recém-nascida. Do ponto de vista genético ela já se encontra totalmente determinada: cor de pele, dos olhos, tipo de sangue, sexo, suscetibilidade e enfermidades. Mas como ela será? Gostará de música? De que música? Que língua falará? E qual será o seu estilo? Por que idéias e valores lutará? E que coisas sairão de suas mãos? E aqui, os geneticistas, por maiores que sejam seus conhecimentos, terão que se calar. Porque o homem, diferentemente do animal que é seu corpo, tem seu corpo. Não é o corpo que o faz. É ele que faz o seu corpo. (ALVES, 1986)

Assim, fazendo parte da cultura e da mesma forma que ela, a religião é uma rede de símbolos, em que tudo tem um significado maior do que o concreto, como altares, santuários, comidas, fumaça, imagens, templos, colares, livros, além de gestos e silêncios, canções, adorações, milagres, renúncias, entre outros. De acordo com Rubem Alves (1986), a religião é constituída por símbolos que os homens usam e sentidos que dão à vida e ao que acontece nela. Porém, os homens são diferentes, o que torna seus mundos sagrados também diferentes. Coisas que assumem valores distintos e imaginários para homens de religiões e culturas distintas fazem objetos e atos de importância secundária se tornarem sagrados.

## **2.4 – A Umbanda**

A Umbanda é uma religião cujos cultos são baseados na possessão, na qual os médiuns entram em transe e *recebem* os guias, na qual estes são cultuados e dão atendimento aos adeptos, a fim de ajudar aqueles que com eles desejam se consultar. Segundo Renato Ortiz: "A possessão é portanto o elemento central do culto, permitindo a descida dos espíritos do reino da luz, da corte de Aruanda, que cavalgam a montaria da qual eles são senhores." (ORTIZ, 1999, p. 71)

As entidades umbandistas são divididas entre espíritos de luz e espíritos das trevas. Entre os espíritos de luz estão os caboclos, pretos-velhos e crianças, que conforme a concepção cristã que concebe uma dicotomia entre o bem e o mal,

trabalham para o bem, enquanto os espíritos das trevas, que são os exus, devido a sua ambivalência, podem trabalhar tanto para o bem quanto para o mal.

Na Umbanda os caboclos representam a força e o vigor do homem adulto, os pretos-velhos, a sabedoria da velhice, enquanto as crianças simbolizam a pureza e a inocência. Estas não trabalham durante o culto, posto que uma criança não deve trabalhar. São importantes para limpar com sua pureza o terreiro depois da *descida* dos Exus. Segundo Birman (1885), terminar a gira com crianças é uma maneira de afastar os espíritos obsessores e de baixa vibração.

O Universo Umbandista é monoteísta, que se fundamenta na existência de um deus único, e onipotente, podendo ser chamado de Olorum, Zambi, ou mesmo de Deus, onde assim como na Igreja Católica, não possui uma representação visível. Porém não é venerado nos cultos, sua função é apenas de criar o mundo e os fundamentos da religião. Apenas seus subordinados são cultuados, pois são estes que fazem o contato com mundo terreno para levar ajuda a quem lhes pede. Conforme a concepção católica, os orixás fazem analogia aos santos, ficando como intermediários entre o sagrado e o profano, estando desta maneira mais próximo dos homens do que o próprio Deus, apesar de não descerem no corpo dos adeptos.

Segundo Ortiz (1999), abaixo dos orixás vêm as sete Linhas da Umbanda, formada por exércitos de espíritos, onde cada linha obedece a um orixá. Estas linhas, que também podem ser chamadas de vibrações são divididas em sete legiões, que também se subdividem, firmando cada uma destas sete falanges e assim sucessivamente, de maneira infinita. Na parte inferior desta pirâmide encontrando-se os guias e protetores, que estabelecem a comunicação direta entre o mundo profano dos homens e o sagrado dos orixás. As vibrações são emitidas pelos orixás, que as transmitem às falanges, que as repassam para as subfalanges e assim vai, até que cheguem nos guias e estes através do corpo de um médium, transmitam aos homens, para ajudá-los a superar seus problemas e sofrimentos. Conforme as entidades vão conseguindo ajudar os homens, vão se evoluindo espiritualmente no reino de Aruanda. Para a Umbanda, tanto no mundo profano quanto no sagrado, é a caridade que leva o espírito à evolução.

### **3- A UMBANDA COMO FRUTO DE UMA ACULTURAÇÃO DENTRO DO MOMENTO HISTÓRICO – SOCIAL EM QUE SE DEU SEU NASCIMENTO]**

Levando em consideração que o cultural e o social são indissolúveis, é preciso estudar o quadro social em que o Brasil se encontrava para entender como se deu esse fenômeno de aculturação em uma época de mudança social que resultou no nascimento da religião umbandista. Neste momento, segundo Ortiz (1999), a sociedade industrial, urbana e de classes se consolidava no Brasil.

A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto de mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial.(ORTIZ, 1999, p. 32)

Isso mostra que, ao mesmo tempo em que o país passava por uma transformação social, também se modificava culturalmente, adaptando elementos afro-brasileiros com europeus para criar uma religião nacional, que quer ser brasileira e se orgulha disto, opondo-se às religiões importadas e gerando um novo significado dentro da sociedade brasileira, exprimindo dentro do seu universo religioso as mudanças sociais que estavam se fortalecendo. Porém, apesar de não deixar de reunir elementos afro-brasileiros e europeus, a Umbanda os reinterpretou e os normatizou de acordo com o que era necessário para atender as necessidades dessa sociedade que estava surgindo, que, de acordo com Ortiz (1999) “embranqueceu” características do Candomblé e “empreteceu” outras do Kardecismo. Foram rejeitados os traços genuinamente africanos pelos intelectuais fundadores da Umbanda, muitos leram sobre o Kardecismo de Alan Kardek, o esoterismo de Annie Besant e antropologia, posto que a ideologia social neste momento também é branca, na qual os valores e tradições negras se tornaram obsoletos e inadequados a uma sociedade moderna. E é assim que a Igreja Católica também entra nesta nova religião, não só através dos altares e imagens de santos, mas também pela concepção da ambivalência do bem e do mal e a rotulação do Exu como Diabo, contribuindo para a desagregação da memória negra. Todavia, é interessante citar que o embranquecimento não se dá somente através do Catolicismo e do Espiritismo, mas

também da presença do chefe de terreiro que na maioria das vezes é homem branco ou mulato, penetra fisicamente no universo afro-brasileiro, liderando o culto.

Vale explicar que esse movimento de aculturação ao qual se refere Ortiz (1999), entre o "embranquecimento" e o "empretecimento" que resultou no surgimento da Umbanda, se iniciou com a chegada do Kardecismo, vindo da França, no Brasil em 1853. Esta religião se integrou não somente ao universo elitista, mas também penetrou em certa parte da sociedade marginal, principalmente devido à sua prática terapêutica, que fortaleceu as práticas mágicas em alguns terreiros, onde, muitas vezes, a religião aliada à magia é a única alternativa que resta a estas pessoas em busca de solução aos seus sofrimentos e moléstias. Assim, foi se desenvolvendo nessa camada da população o chamado "baixo espiritismo", em que a dimensão mágica é acentuada. O Kardecismo foi penetrando no universo do negro dentro do Candomblé e parte deste foi aderindo a valores brancos que se mesclaram aos seus. "A desagregação da memória coletiva negra se dá portanto no interior dos próprios cultos afro-brasileiros, particularmente nas nações de banto" (ORTIZ, 1999, p. 36).

Todavia, o processo inverso também ocorreu: o Kardecismo se apropriando de crenças afro-brasileiras. Benjamim Figueiredo foi um dos primeiros kardecistas a iniciar o movimento do "empretecimento". Isto começou a se dar quando ele, em uma sessão de mesa branca, recebeu o espírito do Caboclo Mirim, um índio brasileiro, o que resultou na sua rejeição por parte dos kardecistas, já que consideraram este espírito impuro demais para desenvolver a evolução da sociedade e conseqüentemente a impossibilidade de Benjamim continuar seus trabalhos dentro desta religião. "Ele abandona pois a mesa e funda, em 1924, a Tenda Espírita Mirim, no Rio de Janeiro. Neste novo centro, sob a orientação do Caboclo Mirim, ele poderá praticar a caridade de uma forma mais brasileira, isto é, próxima às camadas baixas da população" (ORTIZ, 1999, p. 42). Já na década de 1930, Zélio de Moraes recebeu instruções do Caboclo Sete Encruzilhadas e a incumbência de abrir sete tendas no Rio de Janeiro, além de muitas outras que vão surgindo paralelamente principalmente nesta cidade e em São Paulo, onde o desenvolvimento industrial e social vem se dando de maneira mais acelerada que no restante do país. Em 1941, acontece o Primeiro Congresso para estudo desse movimento religioso e seus ritos que vinha crescendo cada vez mais e vê-se a necessidade de dar-lhe um nome. Foi, então, determinado que seria Umbanda e, assim, se inicia o processo que unificá-la como uma nova religião.

É neste contexto social e cultural que a Umbanda aparece como uma solução original para atender às necessidades religiosas do momento, adaptando as práticas de magia do Candomblé dentro da ideologia espírita, reinterpretando valores tradicionais e se inserindo com grande aceitação na nova ordem social urbano-industrial. De acordo com Renato Ortiz "a Umbanda corresponde à integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o Candomblé significaria justamente o contrário, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro." (ORTIZ, 1999, p. 16)

Atualmente não existem dados seguros sobre o número de tendas e principalmente de adeptos umbandistas, posto que o preconceito perante à religião ainda é grande. Isto pode fazer com que, em pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os entrevistados, muitas vezes, acabem respondendo ser católicos ou espíritas, apesar de assumirem frequentar ou já terem frequentado terreiros de Umbanda. Além disso, até 1966, a Umbanda não era considerada pelo IBGE como religião e seus adeptos eram classificados como kardecistas, o que dificulta, hoje, a análise de seu crescimento desde seu surgimento. Todavia, é válido dizer que o crescimento desta religião é cada vez maior, o que levou a presidente Dilma Rousseff a sancionar no dia 16/5/2012 a Lei 12.644/2012, na qual foi instituído o dia nacional da Umbanda, comemorado anualmente no dia 05 de novembro. É interessante ainda observar que desde 1966, quando a Umbanda começou a aparecer nas pesquisas do IBGE, o número de adeptos do Espiritismo decresce na medida em que aumenta o número de umbandistas. A pesquisa feita pelo IBGE em 1966 mostra que havia 185.442 umbandistas no Brasil, enquanto os kardecistas eram 758.209. Três anos depois, os umbandistas já eram 302.952, enquanto o número de kardecistas já tinha caído para 633.386. Isto nos leva a pensar na possibilidade de que estes que antes, por receio de sofrer preconceito, se declaravam espíritas, vêm assumindo sua verdadeira crença religiosa em número cada vez maior. Porém, não se pode descartar também a possibilidade de anteriormente serem de fato kardecistas e terem mudado de religião por considerarem insatisfatória as práticas espíritas e se identificarem mais com os ritos umbandistas, que apesar de virem de uma ideologia também branca, une tradições afro-brasileiras e vai ao encontro da sociedade urbano-industrial que se consolidou no Brasil. Outro fato que deve ser ressaltado é o de que, desde que a Umbanda começou a aparecer nas pesquisas do IBGE, a religião católica é a que mais fornece adeptos para o culto umbandista, tanto por conversões, como por dupla religiosidade, ainda que a

Igreja Católica tenha sido muito hostil. Quando Umbanda surgiu e começou a disputar o cenário com grande força e ameaçar a hegemonia católica, o Vaticano interferiu com cartas a serem divulgadas pelas Igrejas aos seus fiéis, induzindo-os a verem esta nova religião como algo das "Trevas" e que deveria ser abolida por quem desejasse alcançar o reino de Deus.

É interessante também observar que a Umbanda é vista geralmente como uma religião da classe subalterna, de trabalhadores de baixa qualificação profissional e nível de estudos. No entanto, desde seu surgimento, ela foi produto da dialética entre o embranquecimento e o empretecimento, cujas lideranças vieram de intelectuais da classe média. Segundo Ortiz (1999), assim ela prossegue, atraindo cada vez mais adeptos, médiuns e assistentes desse nível social, apesar de ser mais comum encontrar tendas em bairros mais populares.

Apesar dos conflitos pelos quais a Umbanda passou desde seu surgimento, inclusive repressão policial, e de ainda haver preconceito, é incontestável o seu reconhecimento social nos dias de hoje, sendo a única religião realmente brasileira, que se orgulha de ser brasileira e de ir ao encontro da sociedade de seu país. Nessa perspectiva, faz-se necessário um trabalho de pesquisa para entender como a Umbanda é vista por fiéis de outras religiões, como sua diversidade cultural é aceita pela sociedade atual e qual a sua relevância para seus adeptos e para o Brasil.

### **3.1- Da repressão policial à aceitação social**

A expansão dos terreiros de Umbanda se iniciou nos anos 1930, não só no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo, cidades em que mais se acentuava o crescimento industrial. Nesta época, acontecia a Revolução de 30 e o advento do Novo Estado, que pretendia levar o país à modernização e, conseqüentemente, acabar com tudo que era considerado "arcaico", o que ocasionou severa perseguição a práticas mágicas, especificamente às de origem negra, já que ações como curandeirismo e feitiçaria se enquadravam no Código Penal. Era comum, nesse período, observar nas portarias dos órgãos públicos responsáveis pela moralidade e segurança públicas a citação à "macumba" e ao Candomblé como alvo de proibições. Neste período de repressão policial, muitos pais-de-santo foram enquadrados como réus e seus objetos utilizados nos cultos, apreendidos. Para conseguir a autorização que permitisse o funcionamento

de um terreiro, era preciso obter uma licença especial fornecida pela polícia e, então, se fazia necessário ficar submetido a várias arbitrariedades policiais, já que não existia nenhum mecanismo judicial que legalizasse a existência do terreiro. Havia ainda um outro problema a ser contornado pela Umbanda: a associação da macumba à criminalidade, já que ambas estavam ligadas à marginalidade social, pois a criminalidade se desenvolve nas áreas marginais da sociedade, justamente onde a religião umbandista se desenvolveu quando surgiu.

Os umbandistas resolvem este problema no nível ideológico, atribuindo ao Exu-pagão à macumba, eles se livram de toda e qualquer responsabilidade, podendo doravante se insurgir contra este desvio lamentável que é a quimbanda. A dualidade de Exu desempenha portanto um papel importante na aceitação social da religião; a ambivalência Exu-Pagão/Exu-Batizado projeta sobre o primeiro todos os erros, o que implica na valorização de sua outra-partida. (ORTIZ, 1999, p. 197)

Separar a Umbanda da Quimbanda possibilita deixar para a segunda a associação à macumba. “A Quimbanda nada mais é que a macumba vista através do olho moralizador dos umbandistas” (ORTIZ, 1999, p. 146), posto que a Umbanda busca se associar ao “esforço de um pensamento que quer ordenar o mundo segundo critérios morais, sociais e religiosos” (ORTIZ, 1999, p. 146).

A associação do Exu com o Diabo já havia se iniciado com os primeiros missionários europeus assim que tiveram contato com os cultos africanos, já que este orixá contraria as mais fortes regras de conduta aceitas socialmente. Consideraram seu caráter suscetível, violento, perverso, vaidoso e pervertido, ou seja, uma personalidade composta de tudo que se contrapõem a Deus. Exu nunca se livrou da sua associação ao sexo, à luxúria, ao pecado e à maldade, tornando-se o orixá mais caluniado e incompreendido dentre as divindades afro-brasileiras.

Para os antigos Iorubás, os homens habitam a Terra, o Aiê, e os deuses orixás, o Orum. Muitos laços e obrigações ligam os dois mundos. Os homens alimentam continuamente os orixás, dividindo com eles sua comida e bebida, os vestem, adornam e cuidam da sua diversão. [...] Em troca dessas oferendas, os orixás protegem, ajudam e dão indenidade aos seus descendentes humanos.(PRANDI, 2001, p. 49)

Esta é a razão dos sacrifícios e dos despachos. Porém, tais oferendas precisam sair do mundo dos homens e chegar ao dos orixás. O Exu é encarregado de fazer esse transporte. É preciso saber também se os orixás estão satisfeitos com a alimentação e a atenção destinadas a eles pelos homens, isto também é função do Exu, fazer a comunicação entre os dois mundos, o que o torna o mensageiro. Como os orixás estão constantemente interferindo no mundo e na vida dos humanos, assim como da natureza, nada acontece sem o intermédio do Exu. "Nada se faz sem ele, nenhuma mudança, nem mesmo uma repetição. Sua presença está consignada até mesmo no primeiro ato da Criação: sem Exu nada é possível. O poder de Exu é, portanto, incomensurável" (PRANDI, 2001, p. 50). É importante ressaltar que nenhuma comunicação pode ser realizada sem alguma oferenda, já que esta está ligada à lealdade e retribuição dos homens aos orixás. É por isso que se costuma dizer que o Exu não faz nada sem pagamento, o que, segundo o cristianismo, o faz diferente dos santos católicos, que agem apenas por caridade.

Como mensageiro, Exu sabe de tudo que acontece entre os homens e os orixás, para ele não há segredos, já que tudo ouve e transmite, o que o faz conhecer todos os trabalhos e magias. Ele trabalha para todos, não há distinção, e não tem preferência por um ou por outro. Age em favor de seus fiéis, ou seja, quem lhe procura em busca de ajuda e paga por isso. "Pode ser enviado para fazer mal às pessoas más ou às que nos causam ressentimento" (SODRÉ, 2009, p. 4). Assim, ele pode trabalhar para o mal ou para o bem, depende do que lhe for pedido. Porém, o que mais lhe difere de todos os outros deuses é sua capacidade de quebrar regras, tradições, romper normas e impor mudanças. É por isso que pode ser considerado perigoso e temido, posto que é o princípio do movimento, que tudo pode transformar, sem respeitar limites ou regras impostas pela sociedade. Ele pode representar também a continuidade, já que presa pela sexualidade e reprodução humana, mas, pelo fato de não respeitar regras e tradições, não é considerado confiável. Para Prandi (2001), além de ter caráter instável e duvidoso, é interesseiro, turbulento e muito sexual, o que o liga à reprodução. "Exu é o patrono da cópula, que gera filhos e garante a continuidade do povo e a eternidade do homem." (PRANDI, 2001, p.50) Todas estas características, que fogem do que é pregado pelo Cristianismo, fazem com que ele seja rotulado como o Diabo, maior representante do mal. Não pareceu, portanto, conveniente à Umbanda sua associação com essa imagem do Exu.

Em 1939, surge a primeira Federação Espírita de Umbanda, como uma opção para enfrentar essa repressão e, na década de 40, muitas federações já haviam aparecido. Eram formada por intelectuais da classe média brasileira, muitos destes médiuns que vieram do Kardecismo, onde aprenderam sua formação moral, e tinham como objetivo não só fazer a parte burocrática necessária para a legalização dos terreiros, mas também unificar a Umbanda a fim de torná-la aceita também pela sociedade branca, industrializada e com costumes ocidentalizados, que estava se fortalecendo no país. "A classe média na Umbanda foi quem se armou de recursos materiais e simbólicos no sentido de se apropriar das tradições, redefinindo seus rumos" (BIRMAN, 1985, p. 96). Para isso, era preciso desvinculá-la da macumba, tirando de seus rituais, portanto, práticas consideradas "bárbaras" e de "ignorante", como o sacrifício animal, o uso de sangue, pólvora, facas, plantas venenosas, bebidas alcoólicas, despachos para Exu em encruzilhadas, tambores após às 21h, entre outras. De acordo com Renato Ortiz, "o negro, envolvido pelo sistema de transformação social, deve se embranquecer. Suas práticas mágico-religiosas são combatidas pela sociedade global, pois elas se opõem aos novos valores sociais" (ORTIZ, 1999, p. 156). Segundo Lísias Nogueira Negrão (1993), os terreiros de classe média tenderam a ser mais sensíveis às novas regras impostas pelas federações do que os de periferia. Para conseguir a aceitação frente a essa nova sociedade, era preciso moralizar a Umbanda, frente à imoralidade da magia. Um dos passos mais importante para que isso se desse foi a moralização do Exu, entidade rotulada como a marginal da espiritualidade, representação do mal, da desordem, da sexualidade e da falta de moral.

Inicialmente, os intelectuais umbandistas tentaram exorcizar os Exus e suas "mulheres", as Pombas-gira, de seus cultos. Ao perceber que isto não seria possível, a melhor opção foi batizá-los, a fim de domesticá-los para trabalharem para o bem, deixando o Exu-pagão para a Quimbanda e ficando com o Exu-doutrinado na Umbanda. E, assim, esta se transforma em magia branca, "magia do branco", em oposição à outra, que fica definida como magia negra, "magia do negro", separando o bom do maléfico e fazendo oposição entre o moderno e o tradicional.

Neste sentido, podemos afirmar que os orixás da Umbanda são entidades brancas, enquanto Exu é a única divindade que observa ainda traços o seu passado negro - sugestivamente ele se associa ao reino das trevas. Um primeiro significado de Exu pode ser inferido:

ele é o que resta o negro, de afro-brasileiro, de tradicional na moderna sociedade brasileira. (ORTIZ, 1999, p. 133)

Desta maneira, doutrinar o Exu dentro da Umbanda significa aceitar, porém com a necessidade de domesticar as tradições negras dentro desta nova sociedade que se faz e quer ser branca. E assim, o Exu recupera sua entidade ambivalente, como descrito no parágrafo a seguir.

Não são bons nem maus em si mesmo, mas podem realizar benefícios e malefícios conforme sejam manipulados. Passam a ser vistos não como intrinsecamente imorais, mas como amorais; se "estão nas trevas", podem "ganhar luz" desde que aceitem praticar exclusivamente o bem e evoluírem até tornarem -se guias de direita, quando, então, deixariam de ser exus. (NEGRÃO, 1997, p. 84)

É necessário, todavia, ressaltar a importância dos Exus, mesmo que doutrinados, dentro da Umbanda. São eles os responsáveis pela contramagia, já que um Caboclo ou Preto-velho, entidades de direita que trabalham exclusivamente dentro dela, são incapazes de desfazer um trabalho feito por algum Exu-Pagão para prejudicar algum dos seus clientes, porém sempre respeitando e obedecendo a ordem dos "espíritos de luz", que na Umbanda se encontram como seus superiores. Vale ressaltar que a Umbanda, apesar de não aceitar trabalhos para o mal, é a favor da justiça. "Revidam ao agressor e este, enquanto tal, merece o mal que desejava contra sua vítima e este lhe é devolvido. [...] Trata-se de justiça, não de maldade" (NEGRÃO, 1993, p. 119). Deixar os Exus livres significaria perder o controle da situação Umbandista. "Enquanto os espíritos de luz representam a ordem social, os exus, entregues a si mesmos, podem ameaçar à ordem existente; por isso devem ser disciplinados e vigiados" (ORTIZ, 1999, p. 143). Isto remete, novamente, ao simbolismo perante à questão social branco versus negro. É a domesticação da parte inferior pela superior.

Assim, entre a Umbanda e a macumba, a principal diferença encontrada está na submissão dos Exus às entidades de luz, que nos cultos umbandistas trabalham sob a supervisão dos caboclos e preto-velhos, enquanto que na macumba são donos de suas vontades, não devendo obediência a ninguém. Para Renato Ortiz (1999, p. 149), "a Umbanda, através da teoria da evolução, caminha para a integração social. Enquanto a macumba, regalada à loucura dos Exus-Pagãos, se conforma a uma posição marginal dentro da sociedade".

Somente em 1945, quando o Estado é redemocratizado e o populismo floresce, é que a Umbanda deixa de ser perseguida e passa a ser favorecida e protegida. Porém, na década de 1950, os umbandistas encontram um novo inimigo: a Igreja Católica. Até 1952, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispo do Brasil) não tinha ainda a Umbanda como um problema ameaçador, apenas a enquadrava dentro do baixo espiritismo e da qual nunca foi a favor. "A partir de 1952 o quadro se modifica: o que era simplesmente incompatibilidade teológica transforma-se em razão de combate. A Umbanda aparece doravante como uma ameaça aos católicos brasileiros" (ORTIZ, 1999, p. 203). Vale ressaltar que é justo neste ano que o movimento umbandista atinge seu grau mais elevado de crescimento, o que faz a Umbanda se tornar uma grande concorrência religiosa, ameaçando o monopólio católico. Rotular essa nova religião de herege e levá-la à condenação pareceu a melhor opção para a Igreja Católica. Foram escritos, desde então, vários artigos pela CNBB falando sobre esse "veneno anticristão" que se propagava pelo país, relacionando a propagação da Umbanda ao fim do mundo. Em 1953, é lançada pela Igreja a "Secção Anti-Espírita" do Secretariado da Defesa da Fé e da Moral, além da "Campanha Nacional contra a Heresia Espírita", que foram utilizadas como um verdadeiro marketing contra a nova concorrência religiosa que estava se fortalecendo cada vez mais. Isto levou à extrema rejeição da Umbanda por parte dos católicos, que passaram a vê-la como uma religião que afasta seus adeptos de Deus. Foi em 1962, com o advento do Vaticano II, coordenado pelo Papa João XXIII, que a Igreja Católica mudou sua posição em relação à Umbanda e passou a respeitá-la e a valorizá-la como religião, além de estudá-la como uma linha de desenvolvimento cultural que ajuda a população brasileira a se aproximar do cristianismo de uma forma mais nacional. Logo depois, com o Golpe Militar de 1964, a Umbanda passa a ser não só respeitada, como se torna a religião preferida pelo novo Governo, já que esta prima pela ordem, equilíbrio e moral.

Todavia, apesar da hostilidade sofrida pela Umbanda desde seu nascimento, que acarreta preconceito na sociedade brasileira até hoje, é inquestionável o seu reconhecimento social como a única religião cem por cento brasileira e que vem cada vez mais ganhando força como tal e conseguindo aceitação social.

#### **4- COMO A UMBANDA É VISTA POR ALGUNS DE SEUS ADEPTOS**

Na presente pesquisa buscou-se saber como a Umbanda é vista por seus adeptos, o que os levou a procurá-la, o que mudou em suas opiniões depois de conhecê-la, como sentem que são vistos quando comentam serem umbandistas e que imagem percebem que o senso comum faz desta religião.

Dos três entrevistados, Paulo frequenta a Umbanda há cerca de 2 anos, Maria há 4 e Teo há 15. Maria e Paulo vieram da religião católica, porém Maria afirma ter tido influências familiares kardecistas e protestantes em sua formação religiosa. Já Teo cresceu dentro da religião protestante de procedência Batista. Por vezes, Maria frequenta um culto protestante e centros kardecistas. Paulo vai com frequência a centros kardecistas e busca sempre fazer leituras tanto sobre esta religião quanto sobre o Catolicismo. Teo atualmente frequenta a Umbanda, todavia, pratica meditação, que provém do Budismo.

Maria conta que procurou a Umbanda, pois sempre sentiu seu espírito ser chamado por esta religião. “Na realidade, a Umbanda sempre esteve em mim. E quando você tem essa tendência, parece que chama, está no sangue, ou quer dizer no espírito da gente” (Maria, 2014). Além disto, buscava explicações para o fato de sua avó materna não gostar dela, além de querer entender sua missão na Terra. Maria acredita ter encontrado respostas na Umbanda. Já Paulo procurou a religião porque se interessava por sua brasilidade e identidade com a cultura indígena e africana. Teo começou a se interessar, em primeiro lugar, devido à música e, em segundo, pela reação do médium em transe “Pois percebi que, misteriosamente, uma pessoa em transe tem mesmo capacidade visionárias” (Teo, 2014).

Os três entrevistados afirmam não se sentirem à vontade com qualquer pessoa para comentar sobre serem umbandistas. Maria comenta apenas com seus pais e noivo, já que os adeptos do centro que frequenta são aconselhados a agirem deste modo, posto que, normalmente, as pessoas que desconhecem a Umbanda pensam que os trabalhos são feitos para infligir mal aos outros, não entendem que centros kardecistas e umbandistas são casas de caridade. “Aprendi que não devemos falar que frequentamos a Umbanda, porque as pessoas já pensam que vamos fazer trabalho para prejudicar os outros. Jesus nos deixou a caridade, mas a maioria das pessoas não entende” (Maria, 2014). Teo diz não mentir ou ocultar sua religião, porém prefere não ficar falando sobre isso abertamente e sem necessidade. Ele também não tenta converter ninguém, pois

acredita que a busca religiosa deve vir de dentro de cada um e não por influência de alguém. Paulo comenta sobre sua religião apenas com alguns amigos e familiares.

Maria diz que já sentiu muito preconceito por parte de pessoas de outras religiões e que, muitas vezes, já foi chamada de macumbeira com teor pejorativo, principalmente por protestantes que, segundo ela, se veem como melhores que outros. “Com Certeza! Ficam falando que somos macumbeiros, que estamos no caminho errado, mas esse tipo de preconceito na maioria das vezes vem dos protestantes” (Maria, 2014). Paulo também afirma ter sido vítima de preconceito. “Muitas pessoas encaram a Umbanda como algo que afasta de Deus” (Paulo, 2014). Teo conta que sente o preconceito até mesmo por parte de sua família, mas que acha isso normal pelo fato de o senso comum considerar as religiões afro-brasileiras como "coisas do diabo". Ele vê este preconceito como uma ingenuidade e, por isso, não costuma entrar em discussões, pois afirma que, para ele, Deus e o Diabo são arquétipos. Maria diz sentir que as pessoas enxergam a Umbanda como uma religião em que só são feitas coisas ruins, associam-na à prática de sacrifício animal e bonequinhos com agulhas e isto lhes causa medo. Teo acredita que os umbandistas são vistos como "macumbeiros" adeptos do satanismo e que fazem trabalhos ou mandingas para afetarem outras pessoas. “É como se os umbandistas fossem adeptos do satanismo” (Teo, 2014). Paulo tem a mesma visão que Teo e Maria e percebe que as pessoas que desconhecem esta religião a veem como algo que afasta as pessoas de Deus.

Quando questionados sobre qual a importância da Umbanda em suas vidas, Teo diz que se sente bem ao tomar passes e mais leve ao cantar os "pontos". Considera ter uma personalidade difícil por ser, ao mesmo tempo, depressivo e ativo e a Umbanda o ajuda a controlar suas energias e dilemas interiores. “A energia da Umbanda me ajuda a controlar ou tentar controlar todo esse meu dilema interior” ( Teo, 2014). Assim como para Teo, Maria frequenta a Umbanda para encontrar seu centro interior, pois afirma que antes desta prática religiosa estava perdida internamente. Para Paulo, a importância está no fato de a Umbanda ter lhe oferecido uma nova perspectiva de mundo e da vida.

Teo e Maria confessam que, antes de conhecer a Umbanda, tinham uma imagem errada sobre a religião. Teo, de origem protestante, a via negativamente, assim como o senso comum. Porém, logo no primeiro contato, seu ponto de vista mudou e ele ficou com uma noção da energia através da música brasileira. Já Maria imaginava que a

Umbanda era semelhante ao Kardecismo e confessa ter se assustado no início, mas, logo depois, se acostumou. Antes de começar a frequentar a Umbanda, Paulo tinha uma imagem que não mudou muito, pois já havia começado a estudar sobre a religião, e apenas passou a considerá-la mais organizada do que imaginava. “A imagem que tinha era de algo que tinha passado pelo sincretismo de crenças e indígena com a religião cristã” (Paulo, 2014).

Os três entrevistados admitem frequentarem ou já terem frequentado outras religiões mediúnicas, porém todos preferem a Umbanda. Teo, que já conheceu o Kardecismo, o Candomblé e a Quimbanda, diz ter sentido na Umbanda a energia em harmonia com a sua, além de sentir mais em sintonia com suas convicções filosóficas. Maria diz que já frequentou o Candomblé e não gostou, pois trabalham somente com a esquerda. Ela gosta do Kardecismo por lhe transmitir paz interior, porém diz ter realmente se encontrado na Umbanda. Paulo, assim como Maria, gosta do Kardecismo, mas prefere a Umbanda.

A última pergunta questionava se os entrevistados consideravam ter tido algum pedido alcançado graças à Umbanda. Teo diz nunca ter pedido algo diretamente, pois não acredita em milagres. Ele acredita em um encaminhamento melhor e afirma já ter sido orientado e transformado por uma entidade da Umbanda. Maria afirma ter tido muitos pedidos atendidos, mas não todos. Ela explica que, algumas vezes, a entidade vê que não seria o melhor para você naquele momento ou que talvez não esteja segura da permissão de Deus, já que seu pedido poderia prejudicar outra pessoa. Paulo disse apenas que não. Maria quis deixar um comentário final:

"A Umbanda é uma crença muito bonita e quem tem preconceito não sabe o que está perdendo. Quando seguimos esta crença, devemos ter bastante paciência, perseverança e [entender] que a caridade é o caminho da evolução do espírito. E quando for num Centro de Umbanda e fizer pedidos, não se esqueça de que o que você pedir poderá ser realizado e, como diz o Baiano João Baiano, “Se Deus é por nós, quem será contra nós? Nada e ninguém!!” (Maria, 2014)

Maria tem 30 anos e é publicitária; Paulo tem 32 e é professor; Teo tem 40 e é jornalista e músico.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É interessante observar que, assim como mostra Ortiz (1999), o Kardecismo e o Catolicismo continuam fornecendo adeptos à Umbanda, porém tais adeptos não deixam de continuar frequentando esporadicamente sua antiga religião, o que mostra uma das questões da diversidade cultural dentro da Umbanda. Todavia, ainda que as federações se esforcem para associar a Umbanda a uma religião branca, voltada ao bem e à caridade e de rituais ocidentais com a participação do Exu-doutrinado, e que a Igreja Católica e a polícia tenham deixado de persegui-la, o senso comum não tem uma informação real sobre esta religião e ainda mantém a imagem inicialmente criada, transmitida e rotulada pelo Catolicismo. De acordo com as entrevistas, constatamos que o preconceito ainda é muito grande e que a Umbanda ainda está relacionada a uma religião que afasta seus fiéis de Deus, voltada à magia negra e que serve para que seus adeptos pratiquem o mal e consigam vantagens graças a trabalhos realizados, pagos com sacrifícios animais, despachos, entre outros. Posto que a Umbanda não é uma religião que visa pregar sua ideologia fora dos terreiros e tampouco persuadir pessoas a mudarem de religião, essa imagem preconceituosa ainda tende a perdurar por mais tempo. Além disso, o preconceito que seus adeptos sentem ao se identificarem como umbandistas faz com que, na maioria das vezes, prefiram omitir sua religião ao invés de tentar explicá-la e de mudar a imagem criada sobre ela, mantendo, assim, o costume de escondê-la, apesar de acreditarem nela. Todavia, o número de terreiros cresce cada vez mais desde seu surgimento e está consolidada como uma religião brasileira. Pouco a pouco, a Umbanda vem conquistando seu espaço e cada vez mais adeptos, sendo de importância inquestionável para a cultura do Brasil.

## **6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Rubem. O que é religião. 9º ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BIRMÂNIA, Patrícia. O que é umbanda. São Paulo: Brasiliense, 1985

CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006. 4º edição

CARIA, Telmo H. A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras. Porto, Afrontamento, PP. 9- 20 (1º capítulo, de apresentação da temática e do livro) (versão draft).

MEYER, Marlyse. Feitiços do amor. Revista USP, São Paulo 931) : 104 – 111, setembro/novembro, 1996

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 113-122, 1993

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Magia e religião na umbanda. Revista USP. São Paulo (31) 76-89 setembro/ novembro, 1996

NOGUEIRA, Silas: Poder, cultura e hegemonia: elementos para uma discussão. **Revista Extraprensa**, América do Norte, 1º Outubro, 2010. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/epx6-a04>. Acesso em: 04 Set. 2014.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999

PAIVA, Rubens. O que é religião. São Paulo: Brasiliense, 1984

PRANDI, Reginaldo. Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX. Tempo Social; Ver.Sociol.USP, S. Paulo,2(1): 49-74, 1.sem 1990

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista USP, São Paulo, nº 50, p. 46-63, junho/agosto 2001

SALES, Sandro Guimarães de. À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra. Revista Anthrológicas, ano 8, volume 15 (1): 99 – 122 (2004)

SANTOS, Andre Luís dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986

SOBRINHO, Antonio Talora Delgado. A mitologia umbantista. Perspectivas, São Paulo. 8: 201-210, 1985

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, 2º edição.

SODRÉ, Muniz. A cidade e o terreiro. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1988

THOMPSON, Jonh B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópole, RJ: Vozes, 2009